

19 | 20 DE ABRIL DE 2017



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
INVESTIGAÇÃO EM ARTE
“Arte & Inclusão”

LIVRO DE ATAS

COORDENAÇÃO GERAL | EDIÇÃO | DESIGN GRÁFICO

Levi Leonido

COMISSÃO CIENTÍFICA

Levi Leonido | Mário Cardoso | Ricardo Almeida | Elsa Gabriel Morgado | João Bartolomeu | Marco Aurélio Aparecido da Silva | Beatriz Licursi | Sefisa Quixadá.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Levi Leonido | Mário Cardoso | Ricardo Almeida | Elsa Gabriel Morgado | João Bartolomeu | Marco Aurélio Aparecido | Maria Pinto | Rita Alves | Francisco Sousa | José Machado | Maria Manuel Garcia Rocha.

PERFORMERS & FORMADORES CONVIDADOS

Mário Cardoso | Luís Carvalho | Susana Figueiredo | Dulce Silva | Gaëlle Carvalho.

PADRINHO DO EVENTO

Marcantonio Del-carlo.

APOIOS INSTITUCIONAIS

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Escola das Ciências Humanas e Sociais | Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego | Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação | Câmara Municipal de Vila Real | Teatro de Vila Real | EUROPEAN REVIEW OF ARTISTIC STUDIES | PORTAS DA BILA – Associação Cívica e Cultural | ERAS Edições.

Editora: ERAS Edições

ISSN 1647-3558

ISBN 978-989-99832-9-8

A MÚSICA E A PSICOMOTRICIDADE: DOS CONCEITOS À INCLUSÃO

Music and psychomotricity: from concepts to inclusion

Mário Cardoso

Instituto Politécnico de Bragança

cardoso@ipb.pt

Levi Leonido

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Centro de Investigação em Ciência e Tecnologias da Artes - Universidade Católica Portuguesa

levileon@utad.pt

Elsa Gabriel

Centro Estudos Filosóficos e Humanísticos – Universidade Católica Portuguesa

levielsa@utad.pt

Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo retratar e refletir sobre a conexão e partilha de diferentes dimensões entre a música e a psicomotricidade, bem como destacar a influência e preponderância que estes dois conceitos podem desempenhar no processo de ensino e aprendizagem de pessoas com necessidades educativas especiais. Com a aproximação dos referidos conceitos, pretendeu-se, também, ampliar as possibilidades de trabalho pedagógico em contexto educativo, de forma a respeitar as capacidades cognitivas, afetivas, emocionais e motoras das crianças. Os diferentes argumentos expostos revelam que as inter-relações existentes entre a música e a psicomotricidade são fundamentais para a formação e desenvolvimento integral do formando.

Palavra-Chave: *Música; Psicomotricidade; Inclusão.*

1. PELOS CAMINHOS DA TERMINOLOGIA

A relação entre a psicomotricidade e a música encontra presença nos diferentes momentos que marcam a linha do tempo da história ocidental. Apesar dos múltiplos entendimentos filosóficos existentes na Grécia Antiga, onde o corpo se assume como uma imitação da alma, será a partir do século XVIII que a sua utilização assume certa notoriedade no processo de ensino e aprendizagem musical (LIMA & RUGER, 2007). A necessidade natural de agregação à Educação da dimensão corporal e emocional conduziu à implantação da pedagogia ativa²¹, com particular incidência no ensino artístico. Vários educadores musicais como Dalcroze (1865-1950), Willems (1890-1978), Orff (1895-1982) e Schafer (1933), construíram toda a sua metodologia fundamentada no desenvolvimento cognitivo e emocional através do corpo. Apesar da valorização atribuída ao corpo, não é fácil definir um marco inicial para esta ciência, uma vez que na sua essência ela acaba por se assumir como um conjunto de diferentes teorias e ciências. Do olhar sobre a literatura da especialidade, ressalta alguma diversidade na definição do ponto inicial desta ciência (FONSECA, 2001; SOUZA, 2004). Apesar de toda esta indefinição no estabelecimento e uniformização do seu conceito, é importante destacar as contribuições de Wallom (1971) e Ajuriaguerra (1980) na consolidação da psicomotricidade como instrumento de (re)educação das funções motoras. Com o aparecimento da educação psicomotora na década de 70, surgiram as primeiras preocupações e intenções de colocar a psicomotricidade no contexto educativo. Neste processo, Le Boulch (1983) assumiu papel relevante na consciencialização dos educadores e professores. Atualmente, a presença e importância desta ciência tem vindo a conquistar mais espaço na área da Educação. Embora possamos encontrar na literatura um conjunto diferenciado de entendimentos sobre a psicomotricidade, todos eles apresentam como linha orientadora a relação entre cognição, emoção e movimento (LOURO, 2012). Assim, podemos considerar que a psicomotricidade é a relação entre o pensamento e a ação, envolvendo a emoção. Ribeiro e Bezerra (2017) referem mesmo que esta ciência se assume verdadeiramente capaz de revelar a condição do indivíduo a partir das distintas características dos aspetos motor, afetivo, cognitivo, emocional e social que o constituem. Como ciência da educação, a psicomotricidade procura educar o movimento, ao mesmo tempo que envolve as funções da inteligência (COSTALLAT,

²¹ Este ideal está bastante presente nos princípios de Rousseau, Pestalozzi, Montessori, Decroly, Freinet, entre muitos outros.

1974). Portanto, o intelecto se constrói a partir do exercício físico, que tem uma importância fundamental no desenvolvimento não só do corpo, mas também da mente e da emotividade. Neste particular, o psicólogo Jean-Claude Coste (1981) considerava que a psicomotricidade era uma encruzilhada onde se encontram diferentes pontos de vista e que utiliza múltiplas aquisições decorrentes de outras ciências (p.e. Psicologia, Biologia, Sociologia e Linguística). Acrescenta o autor, que a (re)educação psicomotora tem por objetivo “desenvolver esse aspecto comunicativo do corpo, o que equivale a dar ao indivíduo a possibilidade de dominar seu corpo, de economizar sua energia, de pensar seus gestos a fim de aumentar-lhe a eficácia e a estética, de completar e aperfeiçoar seu equilíbrio” (COSTE, 1981, p. 10). As características particulares que apresenta no estudo do movimento corporal, ao nível da consciencialização e compreensão corporal, justificam a sua aplicabilidade em todos os processos de ensino e aprendizagem, nomeadamente na Educação Artística. Alexander (1991) considera que esta procura de consciencialização corporal é fator preponderante para o músico instrumentista. A psicomotricidade contribui de maneira expressiva para a formação e estruturação do esquema corporal, tendo como objetivo principal incentivar a prática do movimento em todas as etapas da vida de uma criança e dos adultos. As crianças, por exemplo, ao desenvolverem atividades, além de se divertirem, criam, interpretam e se relacionam com o mundo que as rodeia. A estimulação do desenvolvimento psicomotor é fundamental para que haja consciência dos movimentos corporais. Os aspetos da prática psicomotora a ter em conta, na formação das crianças, é o controlo muscular, a deslocação, descobrimento do próprio corpo e o seu movimento coordenado. Nesta perspetiva, Oliveira (2001, p. 34) considera que a psicomotricidade é “um caminho, é o desejo de fazer, de querer fazer; o saber fazer e o poder fazer”. Associado a todo o processo de desenvolvimento psicomotor, Fonseca (1996) considera que a psicomotricidade privilegia a qualidade da “relação afetiva, a mediatização, a disponibilidade tônica, a segurança gravitacional e o controle postural, à noção do corpo, sua lateralização e direcionalidade e a planificação práxica, enquanto componentes essenciais e globais da aprendizagem e do seu ato mental concomitante. Nela o corpo e a motricidade são abordados como unidade e totalidade do ser. O seu enfoque é, portanto, psicossomático, psico-cognitivo, psiquiátrico, somato-analítico, psico-neurológico e psico-terapêutico” (FONSECA, 1996, p. 36).

2. PELOS CAMINHOS DA INCLUSÃO

A música e a psicomotricidade apresentam múltiplos pontos de conexão. Ou seja, os princípios basilares da psicomotricidade estão implícitos nas diferentes dimensões (teórica e prática) da aprendizagem musical (LOURO, 2012). Por exemplo, as compreensões rítmicas e melódicas requerem competências neuro funcionais relacionadas com a psicomotricidade. Noção espacial e temporal, esquema corporal e tônus, no caso da compreensão rítmica, aos quais se acrescenta a lateralização no caso da compreensão melódica. Podemos ainda acrescentar, o caso da leitura musical onde podemos considerar a capacidade de abstração (este mecanismo cerebral só funciona a partir da associação, comparação e descodificação). Esta ideia de relação entre o universo musical e a psicomotricidade é reforçada por Costallat (1978). Segundo o autor, “a música é um poderoso auxiliar, que facilita em grande parte a reeducação, pois ajuda a criar verdadeiros reflexos condicionados de tipo auditivo-motor” (p. 3). Neste particular, Gainza (1988) destaca que conflitos físicos e psicológicos que afetam um músico podem levar a dificuldade na execução de pequenos trechos musicais. Neste contexto, devemos salientar que as dificuldades de aprendizagem musical nem sempre significam problemas ao nível da psicomotricidade, ou que os diferentes aspetos psicomotores podem ter efeito transformativo em qualquer pessoa (LOURO, 2012). É claro que no processo de aprendizagem musical necessitamos de diferentes quesitos psicomotores. As contribuições na tomada de consciência corporal, na aquisição de lateralidade, no domínio da noção espacial e temporal, na coordenação de movimentos e gestos, bem como a sua tenra presença e adaptabilidade ao nível do grupo de trabalho, colocam a música como uma das mais eficazes ferramentas no desenvolvimento psicomotor (Louro, 2010). Esta relação intrínseca é visível nas palavras de Relvas (2007) e Salles (2007), que consideram que a música e a psicomotricidade devem ensinar vivências e descobertas, constituindo-se em uma experiência concreta. No campo musical, a compreensão de cada um dos símbolos musicais coloca-nos diariamente dentro de um grupo de significados que para a sua diferenciação é necessário que exista uma capacidade de classificação que só é possível através da associação, sequencialização e comparação destes elementos. Neste contexto, Louro (2010) considera que a maturação neurológica é condição para a existência de desenvolvimento psicomotor. Acrescenta a autora, que a ausência de estruturas psicomotoras não permite o desenvolvimento das diferentes questões associadas à aprendizagem musical (abstração, sequencialização, comparação e

compreensão). Em síntese, e uma vez que o *fazer musical* depende de múltiplas funções (cognitiva, perceptiva, executiva e psico-emocional), será o desenvolvimento psicomotor um dos primeiros passos para que cada um de nós se possa desenvolver na aprendizagem musical. Este facto ganha uma outra dimensão quando nos centramos no universo das necessidades educativas, onde o conhecimento do processo de desenvolvimento neuro motor/maturação neurológica por parte do professor, pode contribuir para o sucesso do seu trabalho. É importante salientar que neste contexto será importante trabalhar o *potencial neurológico* e não o conteúdo programático previsto. O professor deve ajudar o aluno a “aprender a aprender”, viabilizando que o cérebro possa estabelecer caminhos para a aprendizagem. Neste contexto, assume papel relevante a plasticidade cerebral. Segundo Relvas (2007), este conceito está associado à capacidade adaptativa do nosso sistema nervoso. Ou seja, a sua habilidade para alterar a sua própria organização estrutural e funcional. Acrescenta o autor que a plasticidade cerebral é “a propriedade do sistema nervoso que permite o desenvolvimento de alterações estruturais em resposta à experiência e como adaptação a condições mutantes e a estímulo repetidos” (RELVAS, 2007, p. 7). Neste particular, Hopkins & Smith (1998) refere que o cérebro o ponto central da adaptabilidade do corpo humano. Esta premissa levamos a considerar que esta adaptação é um processo natural que está ao nosso dispor. No caso particular do universo artístico, esta plasticidade e adaptabilidade cerebral ganha uma dimensão particular. São muitos os casos de (re)educação e (re)aprendizagem decorrente de danos cerebrais. Apesar de parecer surpreendente, do ponto de vista neurológico todos estas situações confirmam o nosso elevado grau de adaptabilidade. Segundo Louro (2012) este facto só é possível porque o nosso cérebro “é capaz de se reorganizar através do surgimento de novas sinapses, que assumem neurologicamente a função da região perdida” (p. 116). É evidente que este processo não se apresenta como fácil, ainda mais no sistema e estrutura de ensino existente, onde o tempo certo e os rendimentos pautam todo o contexto educativo. Enquanto educadores e professores devemos estar atentos e fazer uso de todos os princípios da psicomotricidade e recursos disponíveis na geração de estímulos aos alunos que apresentem diferentes necessidades educativas. Não devemos esquecer que a reorganização neurológica e a aquisição de diferentes funções cognitivas e físicas são possibilidades reais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as diferentes ideias que aqui foram sendo expostas, podemos considerar que existe uma complementaridade e influência entre a área da música e da psicomotricidade. Neste sentido, esta conexão e partilha de dimensões deverá ser entendida fundamental para o contexto educacional, nomeadamente na formação inicial de professores e educadores. De forma a que se possa reter e retirar partido desta conexão existente entre a música e psicomotricidade é necessário que os formadores apresentem um índice elevado de preparação para a observação, avaliação e resolução de problemas existente em contexto educativo. Neste particular, Gainza (1988, p. 43) considera que toda a atividade musical se assume como “uma atividade projetiva, algo que o indivíduo faz e mediante a qual se mostra; permite, portanto, que o observador treinado observe tanto os aspetos que funcionam bem no indivíduo, como aqueles aspetos mais incompletos ou em conflito, seus bloqueios, suas dificuldades. Esse dado é de fundamental importância para a educação musical porque, a partir daí, o professor poderá organizar sua estratégia, elaborar seu plano de operações”. Neste contexto, e partindo da premissa que a música e a psicomotricidade têm em seus conceitos epistemológicos, as condições necessárias de proporcionar uma aprendizagem significativa, um trabalho de parceria e articulação entre estes dois conceitos, possibilita não só um desenvolvimento da motricidade como contribui para o domínio do próprio corpo pela criança. Este domínio encontra respaldo na representação das suas vontades, na sua comunicação e expressão, nos seus desejos e afetividade (ALVES, 2007). Em suma, as relações entre estes dois conceitos, assim como as suas práticas efetivas, possibilitam ao professor observar, compreender e intervir no desenvolvimento integral do aluno, dando-lhe a possibilidade de encontrar o seu espaço e identificar-se com o meio do qual faz parte (GONÇALVES, 2010). Para isso, o trabalho deverá estar centrado no desenvolvimento de funções psicomotoras, nomeadamente: a tonicidade, a lateralidade, estruturação espaço-temporal, coordenação motora global e fina, e o esquema corporal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJURIAGUERRA, J. (1980). *Manual de psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro, Editora Masson do Brasil.
- ALEXANDER, G. (1991). *Eutonia: um caminho para a percepção corporal*. São Paulo: Martins Fontes.
- ALVES, F. (2007). *Psicomotricidade: corpo, ação e emoção*. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- COSTALLAT, D. (1974). *Psicomotricidade I*. Porto Alegre: Globo.
- COSTE, J. (1978). *A Psicomotricidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FONSECA, V. (1996). *Psicomotricidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- FONSECA, V. (2001). Para uma Epistemologia da Psicomotricidade. In V. Fonseca e R. Martins (Eds.), *Progressos em Psicomotricidade* (pp. 13-28). Cruz Quebrada: Edições da Faculdade de Motricidade Humana.
- GONÇALVES, F. (2010). *Psicomotricidade & Educação Física: quem quer brincar põe o dedo aqui*. São Paulo, SP: Cultural RBL.
- HOPKINS, H. & SMITH, H. (1998). *Terapia Ocupacional*. Madrid: Panamericana.
- LE BOULCH, J. (1983). A educação psicomotora: a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LIMA, S. & RUGER, A. (2007). O trabalho corporal nos processos de sensibilização musical. *Opus*, 3(1), 97-118.
- LOURO, V. (2012). *Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência*. São Paulo: TDT Artes.
- OLIVEIRA, G. (2001). *Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico*. Petrópolis: Editora Vozes
- RELVAS, M. (2007). Cérebro - o instrumento da evolução - Neurobiologia e a psicomotricidade. In F. Alves (Ed.), *Como aplicar a psicomotricidade: uma actividade multidisciplinar com amor e união*. Rio de Janeiro: Wak Editora.